Pra início de conversa
Coordenador pedagógico e a formação continuada

Você não sabe o quanto eu caminhei pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas antes de dormir. Eu nem cochilei
Os mais belos montes escalei
Nas noites escuras de frio chorei ei ei ei
A vida ensina e o tempo traz o tom. Pra nascer uma canção
Com a fé o dia a dia encontro solução ...
A Estrada – Cidade Negra

Caro/a Cursista,

O conteúdo do **PRA INÍCIO DE CONVERSA – COORDENADOR PEDAGÓGICO: FORMAÇÃO CONTINUADA** foi organizado para:

- Pensarmos a formação continuada na construção de relacionamentos entre os diferentes atores do cotidiano escolar, num processo que objetiva a melhoria da qualidade daquilo que fazemos e das relações estabelecidas.
- Considerar a prática formativa em sua fundamental importância para o desenvolvimento da coordenação pedagógica.

A "conversa" que iniciamos busca uma interlocução baseada no reconhecimento das ações desenvolvidas pelo coordenador pedagógico como: liderança na formação dos demais participantes da comunidade; parte importante da gestão escolar; auto gestor da formação.

O desafio de cumprirmos as responsabilidades assumidas é ainda maior nos tempos atuais devido aos contextos a que todos temos sido sujeitados pelas condições sanitárias e todas as demais agravantes trazidas pela pandemia do COVID-19. Parafraseando Euclides da Cunha... o coordenador é antes de tudo um forte.

Seja bem-vindo(a) ao caótico e metafísico mundo da coordenação pedagógica e lembre-se de que muitos outros desejaram estar aqui e você está: **PARABÉNS!**

Esperamos construir uma narrativa acolhedora indicando viabilidades no percurso da coordenação pedagógica, agradecendo a sua parceria e desejando um trajeto profissional em que as marcas do humano estejam sempre contempladas nas ações desenvolvidas.

Obrigada
Maria de Lourdes Teixeira de Oliveira
Coordenadora Pedagógica

1. Diferentes Espaços Formativos – H.C e PEA

O coordenador pedagógico está em constante atividade formativa. É um espelho em que se refletem as ações da unidade escolar naquilo que há de mais intenso: seus processos de desenvolvimento de aprendizados diversos, complementares e inter-relacionados.

No entanto, é preciso ter clareza que nossa prática não é refratária à nossa formação identitária, ao contrário, é bastante permeável àquilo o que nos constituiu como indivíduos oriundos de elaborações coletivas:

> *"o que caracteriza o processo de formas identitárias é uma tensão constante entre a atribuição e a pertença, ou seja, há um jogo de forças entre o que nos dizem que somos, como nos definimos e nos identificamos"*
> **APRENDIZAGEM DO ADULTO PROFESSOR** – Página 21. Vera Maria Nigro de Souza Placco – Vera Lúcia Trevisan de Souza.

Assumir uma liderança formativa, não significa sermos os únicos responsáveis pela formação, mas que proporcionaremos tempos e espaços para que haja construção de aprendizados entre os atores da comunidade escolar. Sejamos claros: há assuntos e especificidades que não dominamos e precisamos que aqueles que detenham tais conhecimentos/experiências assumam o protagonismo. Atuar para que haja esse movimento está na nossa atribuição e, desta forma, a gestão dos tempos e espaços sistemáticos para discussão, elaboração, análise e reflexão das práticas é a destinação primeira do coordenador pedagógico, eticamente comprometido com a formação continuada própria e de outrem, construída na e pela interlocução dos indivíduos.

Um Projeto Especial de Ação é o registro das nossas intenções, calcado no profundo e reflexivo conhecimento das nossas fragilidades e necessidades de aprimoramento. Registra O que é preciso ser feito? **(JUSTIFICATIVA)** – Por quê? Para que será feito? **(OBJETIVOS)** – Quando faremos? **(CRONOGRAMA)** - Como faremos? **(PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS)** - Como saber o que está sendo realizado? **(ACOMPANHAMENTO)** - Quais efeitos as ações têm produzido? **(RESULTADOS ESPERADOS)** - Que avaliação temos daquilo que está sendo produzido? **(AVALIAÇÃO).**

Todo projeto de ação precisa ser pensado numa perspectiva: de acolhimento de premissas de **inclusão** e de **ampliação das experiências educativas** que contribuam para a **formação integral** dos indivíduos; da busca de melhores e mais eficazes atuações em sala de aula e ou nos demais espaços educativos da unidade escolar, pois como o rio corre para o mar, o desaguar das ações do PEA precisa molhar os estudantes.

> *Quando os processos formativos levam em consideração que cada escola tem uma história, uma cultura, uma identidade própria e que os profissionais que nela habitam também são sujeitos que trazem uma bagagem acumulada nos diferentes meios pelos quais passaram, têm maior possibilidade de sucesso (ALMEIDA, 2013, p.12).*

De acordo com Placo (2010) há circunstâncias às quais se deve unir o êxito da formação continuada, sendo estas:

- Atrelar ao Projeto Político Pedagógico, organizado e implementado pelos próprios profissionais da escola.
- Ser planejado coletivamente pelos professores da escola e liderado pelos seus gestores (direção, coordenação pedagógica);
- Prever espaços e tempos para que os processos formativos, a serem desencadeados, possibilitem a participação de todos, a reflexão sobre os fundamentos necessários à docência e a relação desses fundamentos com a experiência docente de cada profissional;
- Garantir que o compromisso - seja dos gestores, seja dos professores da escola- esteja voltado para o alcance dos objetivos pedagógicos e do desenvolvimento profissional, além do aprimoramento da prática pedagógica dos professores;
- Possibilitar processos avaliativos contínuos para que as necessidades emergentes da escola e do próprio processo formativo possam ser inclusas.

Elaborado de forma ativa por seus participantes e na representatividade de todos, o PEA precisa entrar em ação, se desenrolar durante o ano e ter devidamente registrado todo esse movimento coordenado.

Os encontros de formação devem atender objetivos indicados no projeto, mas ter uma margem para lidar com as urgências da rotina escolar é uma recomendação salutar.

O coordenador pedagógico, formador por excelência e com atuação privilegiada, mas não exclusiva, nessa situação se preocupa de **forma metodológica em como realizar os encontros** e de **forma reflexiva em como criar as melhores situações para a construção de conhecimentos e o desenvolvimento das reuniões de formação**.

Utilizar estratégias como a dupla conceitualização (para construir saberes sobre as condições didáticas para ensinar determinado objeto de conhecimento) e a tematização da prática (tratando a própria ação como objeto de reflexão identificando as teorias que a sustentam) podem contribuir expressiva e qualitativamente para a formação dos participantes.

Tomamos a liberdade de apresentar um registro utilizado numa sequência de encontros formativos para exemplificar o exposto com a exclusiva pretensão de configurá-lo como uma entre outras tantas maneiras pelas quais se pode registrar esse particular e importante fazer pedagógico.

PAUTA E REGISTRO DO 3º ENCONTRO: DE a

PEA - GESTÃO DAS APRENDIZAGENS



Objetivos:

- Refletir acerca da importância da gestão da aula de matemática.
- Ler o texto **A importância da gestão da aula de Matemática – Orientações Curriculares – Matemática. Volume 1.**
- (Re)Estabelecer a rotina de matemática como instrumento de gestão da aula e das aprendizagens.
- Conhecer a atividade a ser realizada com os alunos e compartilhada no próximo encontro.

1º Momento: Reflexão Individual

- O estudante não entendeu a explicação, quais intervenções devo fazer?
- Como se formam na cabeça do estudante os conceitos que estou ensinando?
- O tempo previsto para aula não foi suficiente? Como posso adequar o planejamento a essa situação?
- Como os conflitos entre os estudantes consomem o tempo dedicado às aprendizagens? Como lidar com tais conflitos de forma a promover os aprendizados conceituais planejados?

2º Momento: socialização das respostas – Reflexão em grupo.

3º Momento:
Ler o texto **A importância da gestão da aula de Matemática – Orientações Curriculares – Matemática. Vol.1.**

Estratégias para acesso ao texto:

1. Projetar o texto na sala de informática.
2. Ler diretamente do material impresso, individualmente ou em dupla.
3. Reproduzir o material para leitura em dupla, otimizando os recursos.



Gestão da Sala de Aula
A importância da gestão da aula de Matemática

Colocar uma epígrafe é sempre uma maneira de quebrar o gelo e de começar a reunião. Você pode usar pequenos textos, charges, tirinhas, trechos de músicas, reportagens, etc e que tenham relação com a pauta a ser desenvolvida.

Compartilhar os objetivos com os docentes auxilia a manter o foco durante a reunião. Evitando desvios e se constituindo em um "porto seguro".

Oportunizar momentos de reflexão individual e em grupo colaboram para a construção do conhecimento, a troca de experiências e um olhar mais ampliado para a prática.

Ter um subsídio teórico para análise fortalece o aprendizado, dá suporte para as práticas e subsidia as decisões pedagógicas.

PEA - GESTÃO DAS APRENDIZAGENS

ATIVIDADE DO 3º ENCONTRO: _____/_____

Professor(a):_____

Entregue sua atividade finalizada ao relator do encontro para compor o registro do dia.

1. Leia as proposições abaixo e registre suas impressões:

a) O estudante não entendeu a explicação, quais intervenções devo fazer?

b) Como se formam na cabeça do estudante os conceitos que estou ensinando?

c) O tempo previsto para aula não foi suficiente? Como posso adequar o planejamento a essa situação?

d) Como os conflitos entre os estudantes consomem o tempo dedicado às aprendizagens? Como lidar com tais conflitos de forma a promover os aprendizados conceituais planejados?

Apresentar atividades aos docentes auxilia no desenvolvimento do encontro formativo, serve aos objetivos indicados, apresenta questões da dupla conceitualização e se configura como material importante para análise e indicação de futuras formações necessárias.

2. As considerações que mais contribuíram, na minha opinião, foram as seguintes:

Viabilizar a troca de experiências entre os docentes contribui na pretendida homologia dos processos[2].

[2] Donald Shon nos apresentou o conceito em que o formador oportuniza a mesma condição de protagonismo que deseja ver aplicada aos estudantes, utilizando as estratégias que pretende fazer com que os docentes desenvolvam com os aprendizes.

TAREFA SOBRE A GESTÃO DEMOCRÁTICA DA AULA
3º ENCONTRO

Professor(a):_____

A) Como seus alunos tem sido representados na gestão da aula de matemática?

_____
_____
_____
_____

B) Complete a tabela com as preferências dos eixos por parte dos alunos e identifique a motivação para cada escolha.

Eixos	Nº de alunos	Motivação
Números		
Álgebra		
Geometria		
Probabilidade e Estatística		
Grandezas e Medidas		

C) Como seus alunos gostariam que a aula de matemática se desenvolvesse? Compartilhe as sugestões de seus estudantes no próximo encontro.

D) Elaboração de um painel coletivo com as sugestões possíveis ou ajustadas ao desenvolvimento das aulas.

SEU NOME É:_____

SUA TURMA É:_____

1. VOCÊ ACHA QUE SABER MATEMÁTICA É IMPORTANTE? POR QUÊ?
2. ESCREVA COMO VOCÊ GOSTARIA QUE FOSSE A AULA DE MATEMÁTICA?
3. O QUE VOCÊ MAIS GOSTOU DE APRENDER NAS AULAS DE MATEMÁTICA?

COMPLETE O QUADRO ABAIXO:

EIXO QUE MAIS GOSTO	PORQUE MAIS GOSTO

Propor atividades de investigação das condições de ensino/aprendizagem em sala de aula nos auxilia a cumprir a destinação do PEA, porque fornecem importantes informações para que se conheça as práticas pedagógicas e se possa contribuir eficaz e continuadamente para a formação docente.

Atividade sobre a gestão democrática da aula

Como seus alunos têm sido representados na gestão da aula de matemática

No planejamento e seleção das atividades a serem realizadas?

Elabore um gráfico ou uma tabela com as preferências dos eixos por parte dos alunos.

Como seus alunos gostariam que a aula de matemática se desenvolvesse? Compartilhe as sugestões de seus estudantes.

Elaboração de um painel coletivo com as sugestões possíveis ou ajustadas ao desenvolvimento das aulas.

Muito já foi dito e escrito com propriedade sobre a atuação como formadores de professores e **Cristiane Pelissare - Instituto Avisa Lá** - concentrou de forma bastante oportuna **"Os 6 Desafios do Formador",** compartilhados a seguir:

1. Criar um contexto investigativo de formação: r*ecorrendo ao princípio da homologia de processos (que busca coerência entre a formação recebida pelo professor e o tipo de educação que posteriormente lhe será pedido que desenvolva com seus alunos).*

2. Analisar as necessidades formativas dos professores: *(...) na maioria das vezes, as necessidades formativas dos professores encontram-se, também para eles, oculta. Então, como eles podem identificar um problema de que não têm consciência ainda? A experiência com a formação de professores tem me mostrado que a própria formação é um veículo desencadeador de novas necessidades. Em outras palavras: um dos objetivos da formação – pautada em uma perspectiva reflexiva – deveria ser a possibilidade de provocar nos professores a "construção" de suas necessidades ou, ainda, de novas necessidades. Tornar o que era inconsciente em um objeto de reflexão.*

3. Analisar as práticas dos professores em sala de aula: p*ara se fazer formador, é preciso ter claro o olhar com que se olha, o modo pelo qual se olha e, ainda, considerar o lugar a partir de onde se olha para determinadas realidades. Chamo aqui de "realidades" a sala de aula, a prática do professor. (...)Se acreditamos que é através da reflexão sobre sua própria prática que o professor avança e que a ação reflexiva pode ser mais bem realizada pela mediação de um formador, então, rapidamente se conclui que tomar a aula como objeto de análise é um saber imprescindível a ser desenvolvido pelos formadores.*

4. Atuar em trânsito entre o papel de professor e de formador: (...) *o formador deve ser um componente do grupo, estar próximo dele e, ao mesmo tempo, ser um outro. Isto porque, nessa posição, corremos menos riscos de embaçar nosso olhar, de deixar escapar pistas e sinais em relação à prática dos professores, suas representações, suas teorias implícitas. Ser um outro possibilita distanciar-se, analisar a situação sob pontos de vista muitas vezes ocultos para o professor.*

5. Compreender os processos de aprendizagem do adulto-professor: *(...)como se dá o processo de conhecer desse sujeito-adulto, portador de representações sobre escola, sobre como se ensina, como se aprende (...) Atuar como formador de sujeitos adultos (e professores) não consiste simplesmente em pôr em prática as habilidades que desenvolveu em sua origem profissional, mas, sim, adquirir outras que, em geral, o trabalho como professor não exigiu.*

6. Fazer parte de um coletivo de formadores: o trabalho colaborativo: (...) *se constituir formador de professores pressupõe desejar aprender, e não apenas ensinar. Assumir que é preciso estudar, dialogar com o conhecimento disponível sobre o assunto, investir na própria formação, reivindicar espaços de reflexão para o desenvolvimento dos saberes específicos necessários à sua função.*

2. Influencer Pedagógico?

Antes mundo era pequeno
Porque terra era grande
Hoje mundo é muito grande
Porque terra é pequena
Do tamanho da antena parabolicamará
Antes longe era distante
Perto, só quando dava
Quando muito, ali defronte
E o horizonte acabava
Parabolicamará - Gilberto Gil

Assolados, invadidos ou "antenados", uma coisa é certa: a modernidade é chegada! A coordenação pedagógica assume uma força motriz na influência positiva dos processos educacionais em espaços destinados aos **conselhos de classe**, às **reuniões pedagógicas** e aos **encontros de pais**. Entretanto, a pretensão é a de que, ao invés de seguidores, tenhamos lideranças exercidas numa vivência de gestão democrática que objetive o atendimento ao coletivo no respeito às individualidades.

2.1 CONSELHO DE CLASSE

O conselho de classe ideal pressupõe o mesmo princípio democrático pelo qual temos tanto apreço nas demais relações estabelecidas na escola. É um espaço para o qual ainda se busca o equilíbrio na maior parte das unidades escolares. Caso o tenha encontrado: PARABÉNS!

Alguns entraves com os quais nos deparamos como: equilibrar as representatividades; garantir o lugar de fala dos diferentes sujeitos do processo de ensino-aprendizagem; qualificar as ações decorrentes das reuniões de conselho; driblar dificuldades ligadas aos horários docentes; o tempo (legal) reservado às discussões, já seriam desafios consideráveis, mas somada a eles está a necessidade da construção da parceria entre docentes e coordenação e, sem a qual, os referidos entraves serão praticamente intransponíveis.

Um conselho de classe que produza bons encaminhamentos começa muito antes da sua realização em calendário. Começa quando, de um lado, nos importamos com os estudantes e seus processos de aprendizagem tendo uma escuta atenta

sobre como (e se) protagonizam seus aprendizados e de outro, com os docentes e seus processos pedagógicos.

O conselho não é o momento da informação, mas de sua ampliação e qualificação, além da busca por equidade nos atendimentos aos estudantes e da identificação de como podemos fazê-los avançar, recuperar ou compensar seus aprendizados.

Compartilhamos algumas experiências e que não estão imunes às críticas, adequações e ajustes necessários para que tenham alguma serventia num exercício de pensamento de diferentes realidades escolares, na intenção de contribuir para a realização desse movimento enriquecedor na vida da escola.



Conselho de Classe Professor(a)Regente:

1ºBIM.: _____/_____/_____ 2ºBIM: _____/_____/_____ 3ºBIM: _____/_____/_____ 4ºBIM.: _____/_____/_____

Preencha as informações solicitadas pela coordenação pedagógica, fazendo seu envio ao e-mail / /20, conte com a participação dos docentes especialistas para completar informações sobre a turma.

1. Confira, atentamente sua lista de chamada e a lista de alunos que aparece no SGP e indique, neste documento, divergências/pendências, se houverem.

Divergências entre a lista de chamada e o SGP 1º Bimestre	Divergências entre a lista de chamada e o SGP 2º Bimestre	Divergências entre a lista de chamada e o SGP 3º Bimestre	Divergências entre a lista de chamada e o SGP 4º Bimestre

A verificação de tais divergências entre as listas de alunos e a turma no SGP pode auxiliar no combate à evasão escolar.

2. Perfil de entrada da turma – neste campo você pode utilizar o DIAGNÓSTICO INICIAL DA TURMA que consta no SGP. Caso não tenha registrado na plataforma digital, faça o movimento contrário: registre neste documento e "alimente" o SGP.

1º BIMESTRE – DIAGNÓSTICO INICIAL

3. Principais avanços da turma nas áreas de PORTUGUÊS e MATEMÁTICA levando em conta o perfil de entrada e o momento atual das aprendizagens.

LÍNGUA PORTUGUESA EIXOS	Principais avanços 1º Bimestre	Principais avanços 2º Bimestre	Principais avanços 3º Bimestre	Principais avanços 4º Bimestre
LEITURA DE TEXTOS				
PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS				
PRODUÇÃO DE TEXTOS ORAIS				
ANÁLISE LINGUÍSTICA				

MATEMÁTICA EIXOS	Principais avanços 1º Bimestre	Principais avanços 2º Bimestre	Principais avanços 3º Bimestre	Principais avanços 4º Bimestre
NÚMEROS E OPERAÇÕES				
ÁLGEBRA				
PROBABILIDADE E ESTATÍSTICA				
GEOMETRIA				
JOGOS E BRINCADEIRAS				

A identificação dos avanços dos alunos busca: subverter o paradigma de identificarmos aquilo que eles não sabem; fazer com que sejam percebidos os caminhos que levaram aos melhores aprendizados.

4. Registre os (as) estudantes cujo DESEMPENHO GLOBAL esteja abaixo do indicado para a etapa atual da escolarização, completando a tabela a seguir:

Nome do aluno	ALFABÉTICO SIM ou NÃO	Estratégias de recuperação das aprendizagens desenvolvidas em horário regular 1º BIMESTRE	Participa dos projetos de "recuperação" do Mais Educação – SIM ou NÃO	Indique Sair – Incluir - Permanecer para a situação do aluno em relação a projetos para o próximo semestre

Nome do aluno	ALFABÉTICO SIM ou NÃO	Estratégias de recuperação das aprendizagens desenvolvidas em horário regular 2º BIMESTRE	Participa dos projetos de "recuperação" do Mais Educação SIM ou NÃO

Ao registrarmos as estratégias de recuperação das aprendizagens fazemos uma reflexão acerca do desenvolvimento das nossas ações pedagógicas no atendimento aos estudantes.

5. Em relação aos **PORTFÓLIOS,** é importante que estejam organizados até o final de cada bimestre. Incluir as fotos que podem auxiliar na compreensão dos percursos e avanços, bem como das propostas desenvolvidas com os estudantes.

Observações 1º BIMESTRE	Observações 2º BIMESTRE	Observações 3º BIMESTRE	Observações 4º BIMESTRE

A atenção à integralidade dos estudantes compõe mais que nossas atribuições. Compõe o cuidado para com o próximo.

6. **CONSULTAR a relação dos alunos encaminhados ao Conselho Tutelar**. Solicitar à coordenação a cópia da referida relação nominal e registrá-los no campo abaixo:

ALUNO	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro

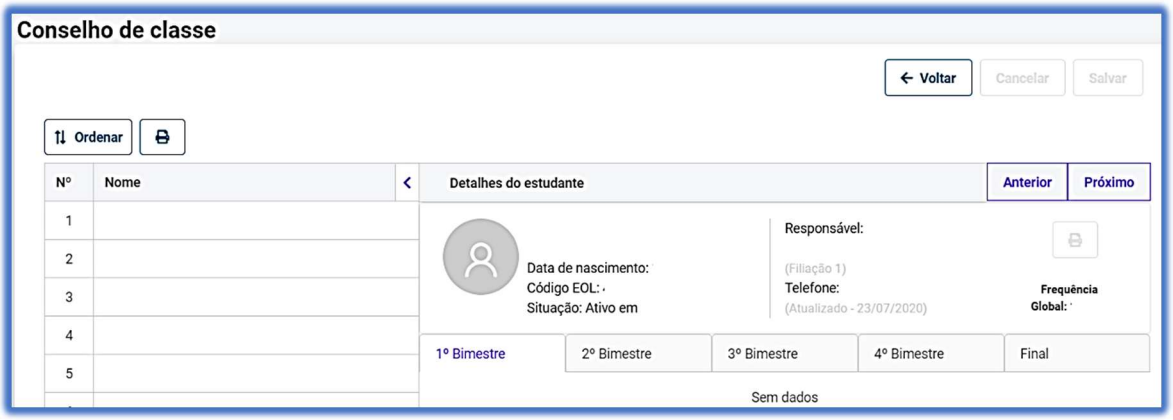
7. Registre o nome dos alunos cujos responsáveis necessitam ser convocados ANTES DA REUNIÃO DE PAIS em cada bimestre.

Nome dos alunos	Motivação para a convocação ANTES da Reunião de Pais: 1.Solicitação de laudo médico, explicando a razão da solicitação. 2.Infrequência escolar que não possa esperar a reunião de Pais 3.Problemas comportamentais agravados 4.Outros. Especificar	Atualizar a situação dos alunos em relação aos apontamentos feitos no 2º BIMESTRE	Atualizar a situação dos alunos em relação aos apontamentos feitos no 3º BIMESTRE	Atualizar a situação dos alunos em relação aos apontamentos feitos no 4º BIMESTRE

Antecipar encaminhamentos, conhecer a motivação e sua pertinência, qualifica o atendimento aos estudantes, pais/responsáveis.

1º BIMESTRE		
Aluno(a) e descrição da situação	Providência indicada	Profissionais envolvidos

Todos os profissionais da comunidade escolar são corresponsáveis pelos cuidados com a pessoa humana e que perpassam os conceitos orientadores do Currículo da Cidade: Educação Integral – Equidade – Educação Inclusiva, tramando uma rede que não a deixe “vazar” por entre seus fios. Quando temos registros que complementam a planilha de conceitos/notas (SGP), expandimos nossa percepção sobre os estudantes, ganhamos celeridade, precisão e adequação vitais para a qualidade das decisões colegiadas.



Funcionalidade no novo SGP para apoiar a realização e registros do Conselho de Classe

2.2. REUNIÕES/JORNADAS PEDAGÓGICAS (INÍCIO DE ANO)



David Hockney, *N.º 125, 19/03/2020*

Planejarmos coletivamente os caminhos pretendidos para o ano, compartilhando a rota desejada com os demais membros da comunidade escolar é vital para atingirmos as diretrizes das ações pedagógicas e administrativas que procurarão garantir o sucesso dessa empreitada e, asseguradas algumas condições, o caminho é mais assertivo quando:

- Compreendemos que há uma cultura escolar com seus protagonistas e carecemos nos inteirar, conhecer, participar da mesma.
- Construímos nossa contribuição profissional e humana na partilha dos tempos, dos espaços e nas parcerias que desenvolvemos.
- Temos clareza de que não somos espectadores, mas também não somos os únicos autores da trama decidindo o script a ser vivido pelos demais.
- Mantemos uma escuta atenta daqueles com quem partilharemos a jornada: requisito imprescindível numa gestão reconhecidamente democrática.
- Mesmo identificando necessidades de mudanças, fazemos aquilo que Clarice tão sabiamente sintetizou: *"Mude, mas comece devagar, porque a **direção** é mais importante que a **velocidade**".*



Os slides de uma reunião (presencial ou virtual) evidenciam os assuntos abordados, a consonância com as políticas públicas, nossas concepções e crenças.
O uso de diferentes estratégias, durante a reunião, também fica explicitado no material.
O trabalho "pesado" já foi feito (a reunião), manter o material no arquivo digital ou impresso é REGISTRAR o que se fez.
Acrescentar algumas linhas para o registro das falas e ponderações nos dá material para reflexões oportunas.
É UMA EVIDÊNCIA para quem quiser ou precisar ver!

Essas pautas de reunião publicizam (positivamente ou não) as nossas intenções, apontam como caminharemos, quais são nossas convicções pedagógicas, como nos preparamos para coordenar as atividades. Podem ser muito relevantes quando precisamos comprovar nossas intencionalidades para aqueles que: não estejam tão inteirados dos processos decisórios; se incluam no trajeto ao longo do percurso; nos solicitem ou demandem providências.

As pautas planejadas para os momentos de reunião se constituem em ferramenta de organização do trabalho pedagógico, dos combinados estabelecidos, daquilo que nos repertoria como coletivo e que nos organiza em prol de objetivos comuns.

2.3. REUNIÃO DE PAIS



O Grande e Maravilhoso Livro das Famílias
Disponível em
https://www.youtube.com/watch?v=sSMz3c1ngbY.
Acesso em 02/04/2021

Conhecermos a comunidade da qual fazemos parte, compreender seu momento histórico, construções e relações firmadas, são bons caminhos para o estabelecimento do diálogo e da escuta atenta para evitarmos o risco de presumir anseios e necessidades destes sujeitos com quem pretendemos consolidar uma parceria positiva.

Tais reuniões, em consonância com o Projeto Político Pedagógico da escola e subsidiadas por uma gestão democrática são lócus de formação e interlocução.

A reunião de pais não é onde prestamos contas, é onde construímos possibilidades, revemos percursos, procuramos novos rumos, nos apoiamos e corresponsabilizamos em busca de maiores e melhores aprendizados e experiências educacionais para nossos bebês, crianças, jovens e, neste caso, adultos.

Pautas de reuniões de pais não se esgotam após seu término. Sobrevivem ecoando (registrando) memórias. São pequeninos tratados comprobatórios do compromisso como representantes das políticas públicas educacionais, no papel de (co)promotores da formação da comunidade escolar que também forma a si mesma num processo de partilha entre todos os envolvidos.

PAUTA DA REUNIÃO DE PAIS/RESPONSÁVEIS

1. **ACOLHIMENTO no pátio:** feito pela equipe gestora e por profissionais da UBS Dr. Thersio Ventura (enfermeira e nutricionista). Destinar tempo para perguntas dos pais/responsáveis.
2. **ACOLHIMENTO na sala de aula: recepção pelo Professor** – apresentação, boas-vindas, agradecimentos pela presença.

LEITURA: A lição da borboleta



Um homem, certo dia, viu surgir uma pequena abertura num casulo. Sentou-se perto do local onde o casulo se apoiava e ficou a observar o que iria acontecer, como é que a lagarta conseguiria sair por um orifício tão miúdo. Mas logo lhe pareceu que ela havia parado de fazer qualquer progresso, como se tivesse feito todo o esforço possível e agora não conseguisse mais prosseguir. Ele resolveu então ajudá-la: pegou uma tesoura e rompeu o restante do casulo. A borboleta pôde sair com toda a facilidade..., mas seu corpo estava murcho; além disso, era pequena e tinha as asas amassadas.

O homem continuou a observar a borboleta porque ele esperava que, a qualquer momento, as asas dela se abrissem e esticassem para serem capazes de suportar o corpo que iria se afirmar com o tempo. Nada aconteceu!

Na verdade, a borboleta passou o resto da sua vida rastejando com um corpo murcho e asas encolhidas. Ela nunca foi capaz de voar.

O que o homem, em sua gentileza e vontade de ajudar não compreendia era que o casulo apertado e o esforço necessário à borboleta para passar através da pequena abertura era o modo que a prepararia para voar uma vez que estivesse livre do casulo.

Algumas vezes, o esforço é justamente o que precisamos em nossas vidas.

3. **DOCUMENTAÇÃO:**
   - Informar da necessidade de manter as informações atualizadas – endereço, telefone.
   - **TERMO DE CIÊNCIA DE FALTAS** – somente para alunos faltosos a partir da próxima reunião de pais, ou em convocação pela escola.
   - Assinatura da **LISTA DE PRESENÇA/RECEBIMENTO DE KIT ESCOLAR** na reunião.
4. **TRABALHO PEDAGÓGICO:**
   - **CONTRATOS DIDÁTICOS:** fazer os combinados com os pais acerca da metodologia do trabalho, das lições de casa, do uso dos livros didáticos, dia de brinquedo (quando o caso) etc.

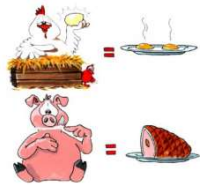
Decidido coletivamente o texto (ou outro tipo de epígrafe) contribui para discussão e assunção dos diferentes lugares de fala dos participantes, ampliação e troca de experiências, num ambiente e em que se pratique uma escuta atenta e encaminhamentos qualificados no exercício de uma gestão democrática.

Identificar com o grupo os temas mais sensíveis ao cotidiano escolar e que devem estar na reunião de pais, requer parceria ativa e horizontalizada entre todos os diferentes sujeitos.



Cuidados com a organização do ambiente da reunião, a inserção de pequenos textos ou vídeos auxiliares, a recepção das pessoas, entre outros, são fatores reconhecidos favoravelmente pelos participantes como evidências de uma gestão democrática na lida com sujeitos de direitos.

3. Relacionamentos Interpessoais X Ação do Coordenador



Um belo dia, estavam o porco e a galinha passeando pela fazenda, quando chegou o fazendeiro e lhes propôs um desafio: eles seriam responsáveis por preparar um café da manhã diferente a cada dia da semana, pelas próximas duas semanas. No caso de falha, definida pela falta de um cardápio variado nos dias que se seguiriam, o café da manhã seria preparado pelo próprio fazendeiro que, sem opção, prepararia ***bacon com ovos****.*

Estavam ambos ***motivados****, o porco e a galinha, a cumprir a missão e entregar um cardápio diferente ao fazendeiro. Nos primeiros dias tudo correu bem, o porco sempre de maneira* ***pró-ativa****, começava o dia já pensando no cardápio para o dia seguinte, dividia as tarefas necessárias para preparar as novas receitas, e pensava em formas inovadoras de cumprir as metas, sempre ajudado pela galinha, que executava as tarefas que ele lhe atribuía. Com o passar dos dias, no entanto, as receitas ficaram cada vez mais elaboradas e a dupla não deu conta do recado. O fazendeiro, não atendido nas suas solicitações, transformou o porco em bacon. Já a galinha, depois de ceder um ovo, foi ciscar o chão e procurar minhocas.* Disponível em *http://www.rsmundorh.com.br/o-porco-e-a-galinha-voce-sabe-a-diferenca-entre-estar-envolvido-e-comprometido/*. Acesso em 24/04/2021.

CONFIANÇA: base para bons relacionamentos pessoais. No entanto, construir um lastro de confiança requer algum tempo, muita disposição e uma atuação com empatia. Tendo isto em perspectiva vemos que a coordenação pedagógica se faz de muitas variáveis e destacamos algumas como imprescindíveis: PESSOAS - PROPÓSITOS – PERTENÇA.

Não devemos esquecer quais os PROPÓSITOS individuais e coletivos de que nossa atuação está revestida devendo ainda mais nos importarmos com os impactos/mudanças desta atuação na vida das PESSOAS, não havendo propósitos relevantes se não auxiliarem as distintas aprendizagens de sujeitos considerados em sua integralidade.

Quando todos os envolvidos partilham as razões daquilo que está ou será feito, bem como a construção coletiva dos objetivos, ampliam a possibilidade de se reconhecerem numa relação de PERTENÇA que amplia sua percepção e oportuniza sua ação/contribuição para o atingimento dos propósitos/metas intencionadas. Entretanto, é importante termos em mente que mesmo garantindo uma gestão democrática, representativa e atenta aos processos participativos, assegurando que os diferentes segmentos equilibrem as instâncias decisórias... não haverá o envolvimento (galinha) ou o comprometimento (porco) de todos na mesma intensidade.

3.1. PROFESSORES

> *Contam que, bem antigamente, um guerreiro, pouco depois de desembarcar com seus homens nas terras que queria conquistar, mandou queimar os navios que os haviam conduzido até lá. Esta estranha e ousada ação teve o intuito de deixar bem claro aos seus comandados que não haveria como fugir: era vencer ou morrer. Sem opção de fuga, seus guerreiros lutariam melhor, com mais garra, com mais bravura, indo sempre em frente, até o fim. Resultado: foram vitoriosos.*
>
> **Não deixe a felicidade guardada na gaveta – Ronaldo Vaz**

Bem, se ambos(as) estamos aqui a percorrer estas páginas, queimamos nossos navios!!!! Agora temos um único caminho: fazer dar certo. Será que nisto se baseou o concurso de acesso?

De todos os relacionamentos desenvolvidos no ambiente escolar o que se refere aos docentes é, de longe, o mais complexo. Somos uma representação das políticas públicas vigentes, figuras invadidas pelas representatividades do outro e de suas subjetividades. Estamos carregados das impressões e das memórias de quem nos precedeu, dos roteiros docentes próprios e individuais e das projeções que estabelecem no desconhecimento de quem somos.

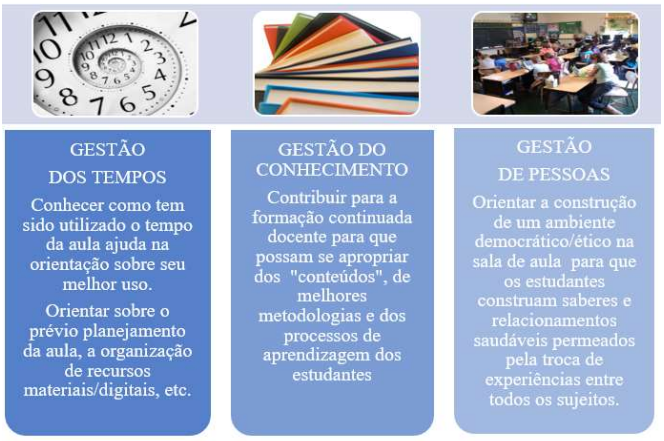
A coordenação reserva especial desafio, pois que não se realiza sem uma série de encadeamentos das ações concretizadas pelos docentes, o que torna nossas atribuições mais complexas e relativizadas.

Sabemos que há dispositivos legais para normatizarem os percursos, as ações docentes e que somos estatutariamente compelidos à urbanidade no trato (o que nem sempre nos salva), mas queremos abordar aquilo que, na lida do cotidiano escolar, nos coloca como liderança mediadora num processo de formação continuada que ocorre paralelamente às relações interpessoais estabelecidas.

A coordenação é lugar de ser e estar, caminho de **com-par-trilhar** desejos, encantamentos e a beleza que há na incerteza dos percursos e nas possibilidades das descobertas.

Na construção desta relação de parceria e confiança que viabiliza as ações pedagógicas, é importante considerar o/a professor/a como sujeito repleto de historicidade com quem vamos exercitar a tecitura de uma teia de aprendizados que o/a atinge, reflete nos demais e impacta a nós mesmos.

Ciosos do nosso compromisso com a formação continuada é preciso interagir de maneira empática e positiva construindo um relacionamento em que seja possível se mostrarem em seus processos de gestão dos tempos educativos, das pessoas e do conhecimento.



A viabilidade de coordenar os processos pedagógicos percorre caminhos que margeiam e envolvem as pessoas num movimento de observação crítica das atitudes que tomamos, dos encaminhamentos que temos e do quanto verdadeiramente nos importamos com o outro. Não nos enganemos: estamos na vitrine a sermos diuturnamente analisados. Lembremo-nos: exemplos valem mais que palavras!!!

Cada um de nós vai desenvolver, ao longo do tempo, sua maneira de coordenar, em consonância com as percepções e concepções próprias da individualidade**.** Vamos cometer erros, mudar de direção, ampliar olhares e todas as coisas que nos fazem lembrar do saudoso mestre Paulo Freire, de que é a consciência do inacabamento que nos dá condições de ir além dele.

3.2. FUNCIONÁRIOS

A ação do coordenador pedagógico junto aos funcionários da unidade escolar passa pelo entendimento de que há diferentes e complementares papéis no desenvolvimento integral, equânime e inclusivo dos estudantes, pois *é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança* (provérbio africano).

É atuar para que os demais profissionais da unidade escolar usufruam de um ambiente acolhedor, inclusivo e democrático, participando das tomadas de decisão e direcionamento da escola, compreendendo os contextos e intervindo conjuntamente com os demais membros da comunidade.

Compartilhando as impressões sobre a rotina da escola sob a ótica de outros profissionais temos elementos e percepções importantes ao desenvolvimento das nossas ações. Ex: saber como os alunos se relacionam nos intervalos escolares contribui para a formação das salas, para realização de projetos etc.

Pode ser que ajude:

- Organizar a participação dos demais funcionários na elaboração do Projeto Político Pedagógico da escola.
- Estabelecer comunicação entre os diferentes segmentos para que (re)conheçam a importância de seus papéis e as implicações de suas ações individuais frente ao coletivo.
- Investir na comunicação para evitar muitos dissabores: informações desencontradas e ou incorretas; a cultura de que um assunto "é só com o Fulano" (mesmo que venha a ser resolvido por determinada pessoa, dar informações precisas significa estar em sintonia com os processos e se importar com as pessoas).

Enfim, atuar para que haja **CO** – **LABOR** – **AÇÃO**!!!!!!!

3.3. ALUNOS

A ação do coordenador pedagógico junto aos alunos seria a de promover mais e melhores aprendizados numa perspectiva de educação integral em que sejam oportunizadas experiências/vivências para os estudantes que os levem a construir uma comunidade/sociedade de direitos.

Devemos estar atentos à expansão das possibilidades de aprendizagem que permitam que os estudantes aprendam **conteúdos conceituais** (o que é preciso saber: fatos, conceitos ou princípios), **conteúdos procedimentais** (o que é preciso saber fazer: ler, desenhar, contar, resolver, escrever, etc) e **conteúdos atitudinais** (o como se deve ser – ligado aos valores, normas, atitudes – obedecer uma regra, ser solidário, etc) naquilo que foi oportunamente tratado por ZABALA (1998) e que se alinha à tríade defendida por Pestalozzi no que se refere ao desenvolvimento da cabeça, do coração e das mãos.

Um Projeto Político Pedagógico comprometido com tais premissas é o resultado de um entendimento de que o estudante é repleto de possibilidades e tem o direito de desenvolvê-las ampliando seus horizontes e amplificando suas ações e papéis sociais.

Temos ainda uma importante atuação compartilhada com os demais membros da comunidade escolar: COMBATE À EVASÃO. Acompanhando a frequência dos estudantes, principalmente nos importando com suas diferentes escritas de vida, buscando alternativas, parcerias e praticando uma escuta atenta das necessidades

que os cercam para que frequentem e aproveitem o ambiente que tem neles sua razão de existência.

Pode ser que ajude...

- “Chamada” feita também pelos A.T.E.s. e atualização da lista “piloto” feita pela secretaria.
- Controle para encaminhamentos para o Conselho Tutelar e contatos telefônicos com auxílio de professores readaptados.
- Uso dos relatórios de frequência do S.G.P.

3.4. PAIS/RESPONSÁVEIS

A coordenação pedagógica, para além dos momentos das reuniões de pais, busca estreitar os laços com estes parceiros na ação educativa. É importante sua proximidade nos processos decisórios, no acompanhamento do desenvolvimento dos bebês, das crianças e dos jovens, deixando de serem apenas comunicados da dinâmica da escola e daqueles sob sua guarda, assumindo uma corresponsabilidade que implica no exercício de seus papéis que, atualmente, se encontram cada vez mais ambíguos e difusos.

Muito daquilo que se aplica aos relacionamentos mediados pelos papéis profissionais (relação funcionários x C.P) se aplica também em relação aos pais no entendimento de que a comunicação, a partilha e a participação destes resulta numa relação mais harmoniosa em que os estudantes desfrutam de mais apoio.

Sabemos que o equilíbrio dessa relação é volátil, pois há incontáveis perfis familiares aos quais agradaremos agindo de uma determinada forma ou razão, havendo outros perfis aos quais as mesmas atitudes soarão como negativas e até como perseguição. Ex: no acompanhamento da frequência escolar haverá aqueles que se unirão a nós no entendimento de que todos devemos zelar pela presença escolar, bem como haverá quem (muitas vezes em defesa de um contexto familiar adverso) se insurgirá contra nós.

Buscarmos a melhoria das condições dos bebês, das crianças e dos jovens é estarmos próximos aos pais/responsáveis numa atuação que não subjuga nem se estabelece na verticalidade, não pressupõe, nem faz juízos de valor, mas procura conhecer e, mais, compreender para fortalecer parcerias e processos.

4. Normas de Convivência e Mediação de Conflitos

Do ponto de vista da terra quem gira é o sol
Do ponto de vista da mãe todo filho é bonito
Do ponto de vista do ponto o círculo é infinito
Do ponto de vista do cego sirene é farol
Do ponto de vista do mar quem balança é a praia
Do ponto de vista da vida um dia é pouco
Às vezes o ponto de vista tem certa miopia
Pois enxerga diferente do que a gente gostaria
Não é preciso por lente nem óculos de grau
Tampouco que exista somente
Um ponto de vista igual
O jeito é manter o respeito e ponto final
Música Ponto de Vista - Casuarina

Quando perguntados aos alunos quais punições deveriam ser aplicadas àqueles que se desviassem das regras de convívio no ambiente escolar, não fiquemos espantados se apontarem figuras como o castigo, a suspensão e a expulsão (talvez resquícios de experiências familiares anteriores).

As crianças e jovens apresentam um senso de justiça muitas vezes aproximado à lei de Talião[2], sendo necessário oportunizar que ajustem seus "vereditos", que tenham vivências democráticas no interior da escola num exercício de empatia que humaniza as relações.

Falamos anteriormente de PESSOAS - PROCESSOS – PERTENÇA e proporcionar que haja participação em processos decisórios que regulam as relações pessoais estabelecidas no ambiente escolar, auxilia nos entendimentos dos porquês e das finalidades das regras de convívio.

Todos somos desejosos de processos democráticos, mas muitas vezes a democracia é praticada ao estilo Millôr Fernandes: *"democracia é quando eu mando você, ditadura é quando você manda em mim".* Todos merecemos uma gestão democrática de garantia de nossos direitos e, analisando sob a perspectiva da mediação de conflitos: um caminho pode levar ao outro.

---

[2] Lei de Talião: a lei (ou pena) de talião é o ponto principal e fundamental para o Código de Hamurabi. A despeito do que muitos pensam, talião não é um nome próprio. O termo vem do latim talionis, que significa "como tal", "idêntico". Daí temos a pena que se baseia na justa reciprocidade do crime e da pena, frequentemente simbolizada pela expressão "olho por olho, dente por dente".

O coordenador precisa estar imbuído de intencionalidade democrática direcionada a todos os membros da comunidade escolar colaborando para que haja direito à manifestação de diferentes formas de pensar, visões de mundo, papéis sociais complementares e não excludentes. Quanto mais abertos ao diálogo, às decisões colegiadas e àquilo que nas diferenças nos enriquecem o convívio, mais contribuímos para que os conflitos (não se engane, eles existirão) possam ser mediados fortalecendo os processos e aproximando as pessoas num pertencimento que agrega a visão de muitos pontos de vista.



Disponível em https://tirasarmandinho.tumblr.com/. Acesso em 01/05/2021.

Mediar conflitos entre os diferentes desejos e objetivos de alunos, pais, professores e demais funcionários, administrar demandas de DRE/SME é complexo, requer disposição para o enfrentamento (porque nos coloca frente ao outro ou à situação) e, em alguns casos significa ter que identificar as suas reais motivações. A rigidez excessiva no comportamento de um professor pode tentar esconder fragilidades no domínio dos conteúdos. A indisciplina de um jovem pode querer disfarçar as muitas dificuldades de aprendizagem. Um pai mais permissivo pode não aceitar que o filho seja disciplinado sem entender o porquê desta necessidade. Um funcionário pode não ser tão disponível para o que julga não ser sua “tarefa”, pois que não se identifica como elo importante na educação que se pretende integral, equânime e inclusiva.

As necessidades formativas reveladas pelos conflitos trazem oportunidades positivas de atuação que, sem a sua existência, poderiam demorar muito mais para serem identificadas.

5. Avaliação Externa e Interna: você está servido?

Há um vasto cardápio de avaliações ofertadas aos alunos da rede municipal na intenção de alimentar o apetite por informações que viabilizam as políticas públicas, os investimentos em educação e uma formação continuada em que pesem positivamente os resultados das aprendizagens. No menu oferecido há ainda iguarias que podem ampliar o paladar daqueles que precisam degustar os variados pratos servidos (coordenador pedagógico) de forma a conhecer a variedade de ingredientes (resultados dos alunos) e as receitas realizadas (avaliações).

Como a base de toda boa alimentação é sustentar os organismos que dela desfrutam, as avaliações são instrumentos valiosos na captação de nutrientes (informações qualificadas) que auxiliam na escolha das dietas mais indicadas à cada indivíduo.

Enquanto as avaliações externas buscam nutrir um sistema maior, as **avaliações internas nos auxiliam com as especificidades e detalhamentos que as primeiras estão longe de alcançar.** As avaliações internas informam sobre: o desempenho dos estudantes nos dando condições de atuar com maior celeridade no indicativo de intervenções que ampliem e qualifiquem os aprendizados; a relação que os docentes desenvolvem com aspectos diagnósticos, somativos e formativos constantes de suas elaborações.

IDEB: Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

O Ideb é um indicador de qualidade educacional que combina informações de desempenho em exames padronizados (Prova Brasil ou Saeb) – obtido pelos estudantes ao final das etapas de ensino 4ªsérie /5º ano e 8ª séries/9ºano do ensino fundamental e 3ª série do ensino médio) – com informações sobre rendimento escolar.

Estudos e análises sobre qualidade educacional raramente combinam as informações produzidas por esses dois tipos de indicadores, ainda que a complementaridade entre elas seja evidente.

O Ideb foi desenvolvido para ser um indicador que sintetiza informações de desempenho em exames padronizados com informações sobre rendimento escolar (taxa média de aprovação dos estudantes na etapa de ensino).

ANA - AVALIAÇÃO NACIONAL DA ALFABETIZAÇÃO

PÚBLICO: estudantes matriculados no 3º ano do Ensino Fundamental, fase final do Ciclo de Alfabetização

OBJETIVOS: produzir indicadores que contribuam para o processo de alfabetização nas escolas públicas brasileiras; aferir o nível de alfabetização e letramento em Língua Portuguesa e alfabetização em Matemática das crianças regularmente matriculadas no 3º ano do ensino fundamental e as condições de oferta das instituições às quais estão vinculadas.

PROVINHA BRASIL

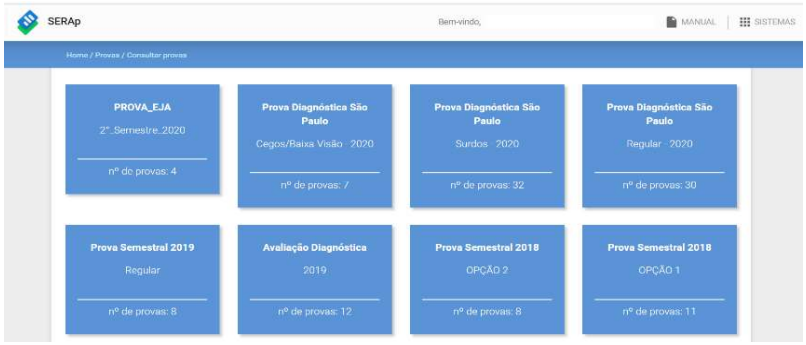
PÚBLICO: crianças matriculadas no 2º ano do ensino fundamental das escolas públicas brasileiras.

OBJETIVOS: investigar o desenvolvimento das habilidades relativas à alfabetização e ao letramento em Língua Portuguesa e Matemática, das crianças matriculadas no 2º ano do ensino fundamental; monitorar os processos de desenvolvimento da alfabetização e do letramento e habilidades iniciais em matemática

PROVA BRASIL

PÚBLICO: estudantes matriculados no 5ºs e 9ºs anos do ensino fundamental das escolas públicas brasileiras.

OBJETIVOS: auxiliar os governantes nas decisões e no direcionamento de recursos técnicos e financeiros; estabelecer metas e implantar ações pedagógicas e administrativas, no âmbito da comunidade escolar, visando à melhoria da qualidade do ensino.





serap.sme.prefeitura.sp.gov.br

Os dados das avaliações internas e externas são complementares **quando analisamos: 1. Cada estudante** na identificação daqueles com necessidades de recuperação das aprendizagens; **2**. **As diferentes turmas** conhecendo seus desempenhos gerais; **3. As informações** acerca dos saberes planejados para cada ano dos ciclos; 4. **O desempenho dos alunos sob a ótica das demandas formativas** que precisamos oportunizar aos docentes.

6. Plano de trabalho: Identificar/Planejar/Organizar/Executar/Avaliar

Um plano de trabalho é um documento em que se estabelece uma rotina dentro da qual se pretende realizar as funções profissionais. Seria uma atividade facilitada se o plano não se desenvolvesse num cotidiano escolar repleto de interrupções e urgências.

Não enveredaremos em searas de modelos de planos de trabalho, pois que há especificidades e indicativos das necessidades de cada unidade escolar numa hierarquia de motivações a serem descobertas e ou definidas, bem como diferentes orientações e indicações das diretorias regionais de educação;

Nossa intenção é a de pensarmos sobre os elementos que nosso plano de trabalho precisa abordar e, neste exercício de pensamento, considerarmos:

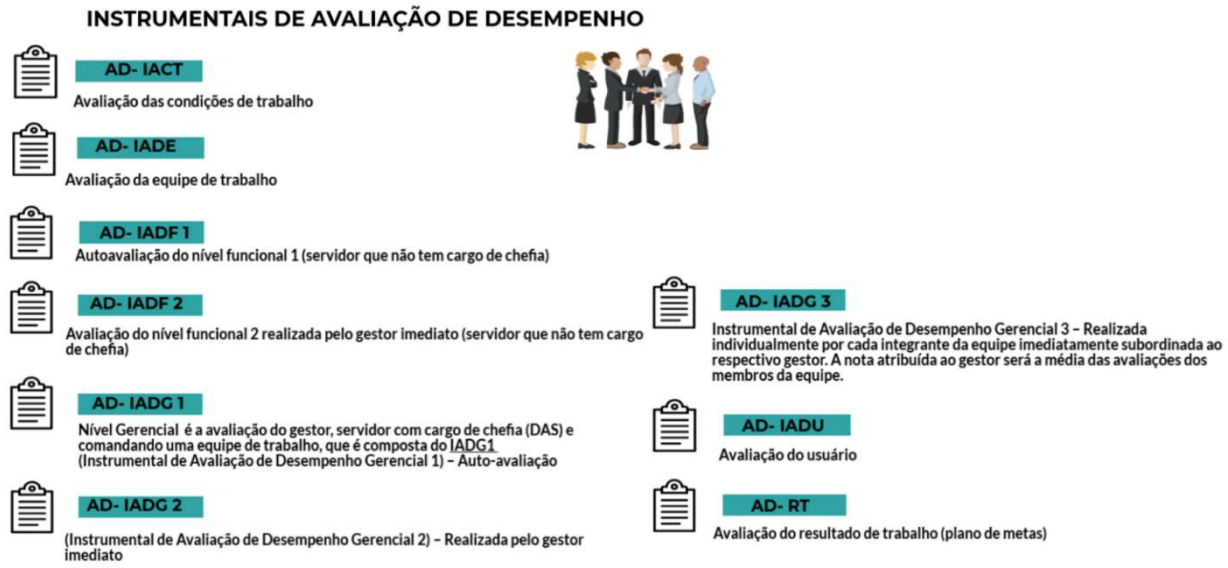
- Os indicadores (JUSTIFICATIVA): conhecer o caminho percorrido pela escola e seus sujeitos, respeitando os processos de elaboração e execução que subsidiaram a situação atual.
- O que esperamos conseguir? (OBJETIVOS).
- O que pretendemos fazer? (AÇÕES).
- O que vamos delegar? Quem serão nossos parceiros?
- Quando vamos fazer? Quais nossos prazos? (CRONOGRAMA)
- Como sabermos se estamos atingindo nossos objetivos?
- Quais instrumentos utilizaremos para sabermos se e em que medida alcançamos nossas intenções? (AVALIAÇÃO).

ORGANIZAR

PLANEJAR

Um plano de trabalho destina tempos para as atribuições de caráter perene (formação continuada, acompanhamento das aprendizagens, apuração da frequência etc.) e sazonal (reuniões de pais, de conselho de escola, entre outros), destinando algum tempo para os (im)previstos que passam, desta forma, a serem menos imprevisíveis evitando agirmos no afogadilho incendiário em que podemos perecer.

7. Plano de Metas x Avaliação Institucional x Ação do Coordenador



https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/governo/gestao/portal_do_servidor/avaliacao_de_desempenho/index.php?p=10579. Acesso em 28/04/2021.

Metrificar a ação humana parece um indicativo demasiadamente mercantil, mas estabelecermos onde desejamos chegar e o que queremos atingir ou promover é desejável do ponto de vista da prestação de um serviço público importante como a educação. A avaliação dos desempenhos como indivíduos, lideranças gerenciais ou formativas e institucionais fazem parte dessa relação.

Analisando a questão da métrica das intencionalidades à luz de aspectos pedagógicos, temos a considerar que nossas metas trabalham a favor das aprendizagens e este entendimento traz nitidez aos cenários mais turvos.

Sabemos das inconsistências e dificuldades de qualquer sistema de avaliação, mas nossa ação como coordenadores pedagógicos deve ser guiada pela permanente busca pela melhoria dos aprendizados e das experiências educativas e integrais no ambiente escolar o que impacta diretamente nosso papel como formadores em atuação continuada.

A avaliação institucional que oportuniza uma reflexão sobre a própria prática, nos dá elementos para avaliarmos em quais condições esta prática ocorre e quais suportes/apoio/parceria estamos recebendo (caso estejamos), permitindo a visão e compreensão de como estão sendo desempenhadas as atribuições e papéis (próprios e dos demais).

Estabelecer um plano de metas é uma exigência legal, mas é também uma oportunidade para o exercício democrático de antecipação positiva de uma realidade que, sem este exercício e as ações desenvolvidas para alcançá-lo, talvez não se tornasse viável. Assim, o estabelecimento das metas nos dá intencionalidades, razões e motivações para atingi-las e, a avaliação do que foi conseguido do ponto de vista da coordenação dos processos educativos, na perspectiva da educação integral, equânime e inclusiva, pode implicar, entre outros, no redimensionamento da proposta pedagógica.



https://pt.dreamstime.com/ilustra%C3%A7%C3%A3o-stock-o-homem-v%C3%AA-sua-reflex%C3%A3o-no-espelho-image63441600

Uma boa avaliação pressupõe o desejo de conhecer as respostas e lembrando a expressão popular “quem pergunta quer saber” avaliamos que também deveríamos ser apoiados por um sistema/rede que (re)conhecesse suas mazelas, indiferenças e incapacidades num exercício de escuta daqueles que dão sentido aos fazeres cotidianos da escola.



Eles então se juntaram,
Discutiram, pelejaram,
E chegaram à conclusão
Que, se a voz de um era fraca,
Juntando as vozes de todos
Mais parecia um trovão.

E se todos, tão pequenos,
Fizessem pernas de pau,
Então ficariam grandes,
E no palácio real
Seriam logo avistados,
Ouviriam os seus brados,
Seria como um sinal.

Livro: O que os olhos não veem – Ruth Rocha

8. Acompanhar o Processo de Aprendizagem e Desenvolvimento dos Alunos

Diz a lenda que, pouco antes do jogo Brasil x URSS pela Copa do Mundo de 1958, na Suécia, Vicente Feola, técnico da seleção brasileira, dando instruções a Garrincha teria dito:

"*Garrincha, é o seguinte, você pega a bola e dribla o primeiro beque. Quando chegar o segundo, você dribla também. Aí, vai até a linha de fundo, cruza forte pra trás, para o Vavá marcar.*"

Não tinha erro — a jogada era mortal. De repente, Garrincha então perguntou a Feola:

"*Mas o senhor já combinou com os russos?*"

Disponível em https://cfvila.com.br/blog/2020/01/15/planejar-e-preciso-planejar-nao-e- Acesso em 07/04/2021.

8.1. PLANEJAMENTOS CURRICULARES



Tela do SGP

Os planejamentos escolares elaborados como proposituras da organização do trabalho pedagógico contêm marcas indicativas de(o): **concepções** de ensino-aprendizagem; concepções da criança/jovem; papel reservado aos estudantes; princípios de inclusão e equidade; princípios democráticos na gestão dos conhecimentos e dos tempos pedagógicos.

As escolhas de **conteúdo** e/ou ausências, os apontamentos de **procedimentos metodológicos** selecionados, indicações de leituras, entre outros aspectos, revelam além daquilo que as palavras registram. Revelam intencionalidades, formas de nos relacionarmos com um outro semelhante ou diferente como sujeito de direitos.



Conteúdo de Ciências - SGP

O trabalho da coordenação pedagógica referente à organização dos planejamentos curriculares, precisa orientar docentes (com base em diretrizes colegiadas e ancoradas em seu Projeto Político Pedagógico) quanto aos registros daquilo que pretendem desenvolver ao longo do ano letivo e da sua provisoriedade. Primeiro porque os auxilia (re)pensar a prática com foco nos estudantes (russos) envolvidos pelas escolhas que fizerem e, na sequência, nos auxilia a conhecer (alunos e docentes) e (re)pensar nossas demandas formativas.



Sugestão de organização dos planos curriculares anuais dentro do ambiente do SGP

8.2. CADERNO VOLANTE

Ainda lembro o que eu estava lendo
Só pra saber o que você achou
Dos versos que eu fiz
E ainda espero resposta
Desfaz o vento
O que há por dentro
Desse lugar que ninguém mais pisou
Você está vendo o que está acontecendo
Nesse caderno sei que ainda estão...
"Resposta" - Skank
Disponível em https://www.youtube.com
Acesso em 31/03/2021

O caderno volante é uma ferramenta, um instrumento em que podemos participar das rotinas em sala de aula. É a nossa presença "etérea" sem a marca da nossa presença física, ampliando a nossa capacidade de participação, contribuindo com a materialidade necessária para subsidiar nossas decisões formativas e os encaminhamentos devidos.

Celebramos compromissos importantes objetivando um melhor desenvolvimento das aprendizagens para todos os integrantes da comunidade escolar. Estamos comprometidos com o desenvolvimento do currículo da cidade e a vivência de seus princípios, com a qualidade das propostas realizadas em sala de aula, com as ações de formação que precisam impactar os estudantes em seus aprendizados.

Desta forma é condição inequívoca que conheçamos como tem sido o percurso trilhado por professores e alunos.

Planejamentos feitos e registrados, firmados os compromissos, carecemos saber em que medida estamos conseguindo atendê-los e como estão sendo aplicados na prática da rotina diária com os estudantes. É exatamente neste ponto que a análise dos registros do caderno volante contribui, revelando, sem subterfúgios, as marcas deixadas no caminho.

Vamos hipoteticamente imaginar um cenário em que os planejamentos estejam impecavelmente registrados. Entretanto, o desempenho dos alunos não reflita o mesmo grau de excelência nos aprendizados. Que bases teremos para tomar qualquer decisão que possa oferecer rotas e experiências mais positivas? Como abordar os docentes de modo a colaborar com sua autorreflexão sobre a prática? Como reconhecer quais papéis tem sido vivenciados pelos estudantes? Como identificar a dinâmica das aulas?

É preciso conhecer para compreender os contextos, para atuar, para auxiliar... para formar. Analisando os registros dos estudantes:

- Visitamos a realidade para termos elementos específicos sobre os quais devamos tratar;
- Possibilitamos que o docente analise a própria prática numa apropriação de conhecimento que subsidia decisões e mudanças;
- Identificamos as demandas formativas necessárias ao indivíduo e ou coletivo.

Algumas pedras aparecerão no caminho, valiosas para as construções a serem feitas:



Como ficam os registros de alunos da educação especial numa perspectiva de educação inclusiva?

A vivência de todas as situações de aprendizagem a que estão sujeitos os demais alunos se incluem muito bem nesse ponto. Os alunos da educação especial também devem, de acordo com suas possibilidades, fazer o registro de suas impressões/teor das aulas. O registro feito é mais um elemento a ser analisado na realização de relatórios ou análise nos conselhos de classe. É possível identificar as adequações/ajustes que consideram como aprendente este estudante em questão.

Como podem ser feitos os registros de alunos do 1º ano do ciclo de alfabetização?

Os registros nessa etapa podem ser feitos pelos estagiários do Programa Parceiros da Aprendizagem e o exercício do registro colabora também com o desenvolvimento de suas aprendizagens e vivências pedagógicas já no exercício da escrita que oportuniza a reflexão sobre a prática.

Como serão interpretados os registros incompletos ou não realizados pelos alunos?

Analisados também sob a ótica instrumental da própria avaliação do aluno e utilizados nos conselhos de classe, configurando-se em mais elementos no conhecimento das potencialidades dos estudantes. A incompletude dos registros não deve pesar sobre docentes.



Contribuições:

- Conhecer o que e como os OADs[1] estão sendo trabalhados.
- Ter uma perspectiva da aula pelo olhar do(a) estudante.
- Configurar-se como material importante para tomadas de decisão quanto às demandas formativas.
- Ser mais um instrumento para conhecer os potenciais dos(as) estudantes.
- Oportunizar atendimentos aos participantes da comunidade escolar (estudantes, docentes, pais, gestores) em suas diferentes necessidades. Ex: material para o estudante que ficou de licença médica; apontamentos para o pai/responsável que deseja inteirar-se do desenvolvimento das aulas, entre outros.
- Estar próximo dos alunos, com possibilidades de interação.

Desafios:

- Implantar o caderno volante pode contar com resistência dos docentes e dos estudantes, caso não se tenha ainda estabelecidos os vínculos de confiança e parceria.
- Criar uma rotina em que seja possível analisar todos os cadernos em tempo para que suas informações sejam úteis e oportunas.
- Mostrar aos demais a importância do caderno para o desenvolvimento do acompanhamento pedagógico.
- Repor o material em caso de sua supressão. Sugiro ter reserva e fazer a imediata reposição.
- Ofertar, em tempo hábil ao(a) estudante responsável pelo registro, cópia do que foi produzido por ele(a).

Nos tempos de pandemia substituímos os registros do caderno volante por registros fotográficos, digitais e folhas avulsas.

9. Sistema de Gestão Pedagógica



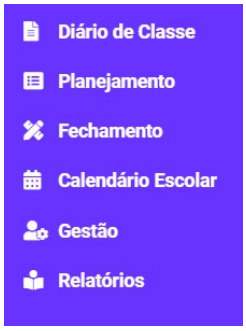
Certa feita os ratos se reuniram em um conselho para decidir a maneira de se virem livres de um gato que andava permanentemente a caça deles.
Vários ratos expuseram as suas ideias, e a reunião prolongou-se pela noite à fora e nenhum dos planos sugeridos parecia aceitável, até que um rato muito novo pediu a palavra.
- Proponho – disse ele – que se pendure um guizo no pescoço do gato. Assim cada vez que ele se mexer, o guizo toca e nos avisa do perigo e ao ouvir o som teremos tempo de fugir.
Os outros ratos acharam que era uma ótima ideia e aplaudiram com entusiasmo.
Então o Velho Rato que tinha ficado calado durante todo o tempo, levantou-se e disse com gravidade:
– É uma excelente proposta, e tenho a certeza de que vai dar resultado. Mas posso perguntar uma coisa?
– Sim, faça a pergunta, responderam em uma só voz vários ratos.
– Quem de vocês – disse o Velho Rato – vai pendurar o guizo no pescoço do gato?
Os ratos começaram a olhar uns para os outros, e não houve nenhum que se oferecesse para levar a cabo semelhante tarefa.
Então o Rato Velho, concluiu dizendo:
– "É mais fácil ter ideias do que realizá-las".

O guizo e os ratos – Fábula de La Fontaine

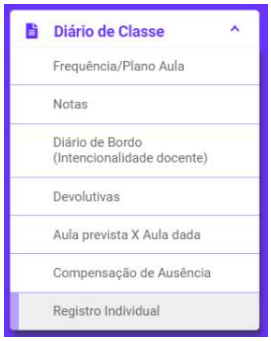
O Sistema de Gestão Pedagógica implantado na RME pela Portaria Nº 1.224, de 10 de fevereiro de 2014 vem tentando, desde então, se constituir como ferramenta importante e célere para os registros pedagógicos. Encaremos os fatos: a ferramenta está cheia de possibilidades e recursos, mas longe de ser eficaz em muitos casos. É inegável que a facilitação para operação e acesso pretendidos são extremamente necessários e atuais. No entanto, é oportuno recordar que há problemas em relação à navegação, guarda fidedigna dos registros, falta de intercâmbio com o sistema EOL...

Há uma urgente carência da qualificação da escrita pedagógica nos espaços digitais para configurá-los como ferramentas ágeis e fiéis para a tomada das decisões, além do conhecimento da comunidade daquilo que é produto das ações/interações no universo escolar.

Ressaltamos que o acesso ao registro dos percursos trilhados pelos envolvidos cria memórias do caminho e nos dá possibilidade de refletirmos sobre a prática para aprimorar os próximos passos.



Entre suas funcionalidades está o registro da rotina pedagógica de professores e alunos, contribuindo para as ações da coordenação e da equipe gestora em seus afazeres diários.

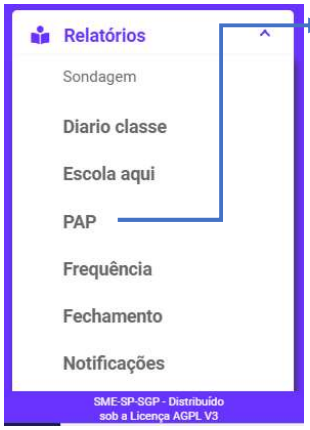


A otimização do tempo no acompanhamento de questões da vida escolar dos alunos como frequência x compensação de ausências e registros individuais nos auxiliam na garantia dos direitos, no combate à evasão escolar e na adoção de medidas e encaminhamentos pelos quais somos responsáveis ética, humana e profissionalmente.

Mecanismos práticos para visualização das pendências, ausências de registros,

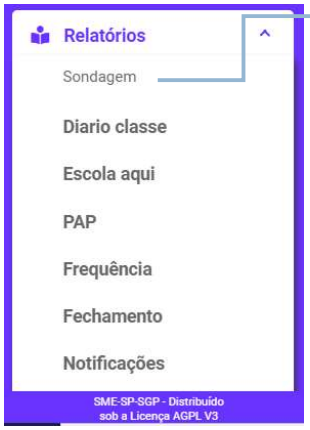


impressão de documentos escolares, como boletins, permitem um melhor investimento do tempo da coordenação pedagógica dedicado à qualidade das ações docentes e à coordenação de cada etapa envolvida nos processos de ensino-aprendizagem.



(...) presente no Novo SGP, tem como prerrogativa registrar periodicamente as conquistas e desafios dos estudantes com dificuldades de aprendizagem da escola que frequentam o PAP. Esse relatório é realizado em três momentos no ano: Encaminhamento- entre fevereiro e março/ Acompanhamento- no fim do 1º semestre/ Acompanhamento- no fim do 2º semestre. Essa documentação também é um importante suporte para o planejamento das aulas desse projeto e para a identificação das intervenções necessárias para cada criança e adolescente. 7 Por meio da análise dessas informações sistematizadas as equipes pedagógicas podem avaliar juntos a continuidade ou não do estudante no Projeto e no planejamento das diferentes estratégias para atendê-los.

Disponível em https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/11/Acompanhamento-das-Aprendizagens-2.pdf. Acesso em 13/04/2021.

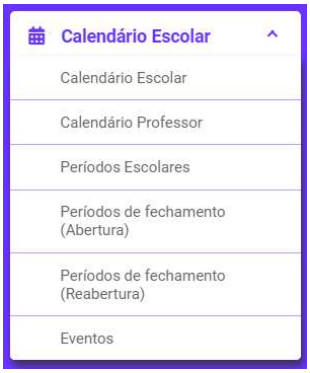


SONDAGEM: Plataforma que constam as informações sobre as potencialidades/fragilidades dos saberes de cada estudante em relação à: leitura e escrita no Ciclo de Alfabetização; números e resolução de problemas no Ciclo de Alfabetização; e resolução de problemas no Ciclo Interdisciplinar. Essas informações sistematizadas contribuem para que a equipe pedagógica perceba o momento de aprendizagem que o(a) estudante está, e quais são os desdobramentos necessários para que este supere suas dificuldades. Essas informações também contribuem para que os(as) professores(as) se sintam mais subsidiados nas escolhas de estratégias didáticas que fazem para abordar determinados assuntos.

Disponível em https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/11/Acompanhamento-das-Aprendizagens-2.pdf. Acesso em 13/04/2021.



Obter informações qualificadas quando necessitamos orientar um docente; marcar agendamento entre estes, a coordenação, alunos e ou os pais/responsáveis; informar a comunidade sobre as diferentes atividades escolares, colabora para que o foco das nossas ações não se desvie.



Se no mundo dos negócios tempo é dinheiro, na coordenação pedagógica tempo é ação e agir faz toda a diferença.



A Secretaria Municipal de Educação alardeou para o ano de 2020 o lançamento de uma nova versão do Sistema de Gestão Pedagógica.

O chamado "novo" SGP já estreou com problemas que lembram o antigo sistema. O SINESP por meio do Ofício 31/2020 manifestou na sexta feira, dia 21 de fevereiro de 2020, diversos problemas apontados pelos Gestores Educacionais. Entre as ocorrências estão:

- Funcionamento irregular do Sistema (não acessa),
- Necessidade de resetar as senhas com frequência,
-Não efetivação de cadastramentos dos eventos escolares na opção calendário, não permite cadastro de datas para avaliação, gerando divergência com o calendário oficial da Unidade Educacional: Disparidade de dias letivos;
- Sistema sinaliza pendência de lançamento de freqüência dos alunos, porém não permite o registro;

Este conjunto de ocorrências impacta a organização da Unidade Educacional, fragiliza o registro pedagógico e gera eventual duplicidade de suportes de registro dado o não funcionamento do "Novo" SGP. O SINESP cobra o restabelecimento imediato e que a SME tenha um real suporte para o atendimento das Unidades Educacionais.

É preciso que haja continuidade nas ações que nos constituem individualidades com atuação coletiva e representatividade sindical na busca pela melhoria das condições de trabalho.

Considerações Finais

Mais uma vez PARABÉNS pela conquista!!!!!!

Que a atuação na coordenação pedagógica faça a diferença na vida de todos aqueles que adentrarem as portas da educação pública, quer sejam docentes, estudantes, pais, funcionários ou equipe gestora, pois certamente estes encontros impactarão a sua trajetória individual, profissional e humana.

Que você possa trilhar caminhos em que também encontre a parceria, a cumplicidade positiva e ombros para o consolo (nunca para a conformidade), pois que eles são necessários no transcorrer da "rotina" exaustiva a que nos dedicamos.

"Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar." **Paulo Freire.**

Referências Bibliográficas

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. SOUZA, Vera Lúcia Trevisan (org). **Aprendizagem do adulto professor**. São Paulo: Ed. Loyola, 2006.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.